

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

87, Rua do Norte, 103

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Mestres Cantores—Escola de musica de Camara—Concertos—D. Isolina Roque—Notas Vagas—Noticiario.

MESTRES CANTORES

III

A admissão na confraria dos mestres cantores dependia de determinadas condições. Todos ou quasi todos os mestres exerciam um officio manual, porque uma das condições de admissão era ser artista e viver do producto do proprio trabalho. E' claro que nada impedia os mestres cantores de tirar proveito da sua inspiração poetica, quando para isso se offerecia ensejo. Hans Sachs, a par dos productos da sua officina de sapateiro, sabia fazer negocio com as peças que escrevia em prosa e verso.

Os aprendizes das officinas eram tambem aprendizes de poesia e musica se para isso se sentiam com habilidade e pretendiam entrar na corporação dos mestres. Estudavam e decoravam em todas as suas minucias as numerosas regras que constituam a *tabulatura*. Quando o alumno (*Schuler*) estava sufficientemente instruido, era apresentado á associação sob a garantia do seu mestre de ensino (*Lehrmeister*), mestre que, para exercer um tal professorado, devia ter sido premiado uma ou muitas vezes. Esta apresentação era feita num local proprio, onde a corporação dos mestres tinha as suas reuniões particulares. Esse local (*Meisterstube*), em Nuremberg, era num quarteirão da cidade, chamado hoje *Unter-Wohrd*. Para a apresentação dos discipulos era em geral escolhido o dia de S. João. O candidato respondia a um exame sobre vogaes e consoantes, e sobre as principaes regras da prosodia. Terminada esta prova, mestre e discipulo retiravam-se e, na sua ausencia, a assembleia deliberava a respeito da admissão do postulante. Se este reunia o numero de votos exigido, era recebido como societario provisório, com o titulo de *Schulfreund*, companheiro de escola.

Depois d'um noviciado cuja duração era

determinada pelos regulamentos, o *Schulfreund* pedia para ser definitivamente admitido como membro da corporação. Esta cerimonia chamava-se *die Freiumg*, a libertação. Mas, pelo facto da *Freiumg*, o novo societario não recebia o titulo de *Meister*, porque na organização da corporação havia muitos graus hierarchicos. O titulo de *Singer*, cantor, era conferido a todo o socio que sabia de cor um certo numero de melodias; era apenas um simples executante. Todo aquelle que compozesse um texto novo para uma melodia conhecida gosava o titulo de *Dichter*, poeta. Emfim, o grau supremo era o de *Meister*. só conferido ao musico-poeta que tivesse inventado a poesia e melodia apropriada a ella, segundo as regras da *tabulatura*.

Em Nuremberg, na igreja de St.^a Catharina, havia depois dos officios divinos do domingo uma especie de concurso de canto, ou concerto publico, a que davam o nome de *Offentliches Singen* ou *Singschule*. E' opinião corrente que os mestres, terminado esse concerto, se reuniam na *Meisterstube* para a *Zeche*, isto é, para uma pequena refeição e festa muito intima, em que eram permittidos os cantos profanos e a alegria estava na razão directa das libações com vinhos genuinos. E como para tudo havia regulamentos, a *Zeche* tambem tinha o seu, principalmente destinado a evitar a discórdia entre os mestres.

Para obter o grau supremo de *mestre* tinha o pretendente de fazer um concurso publico, em que cantava a nova melodia por elle inventada, adequada aos versos que tinha composto. O assunto da poesia era sempre religioso; historicamente, os cantos d'amor não eram admittidos na escola dos mestres cantores. Esses concursos, previamente annunciados, eram periodicos; escolhiam para elles os dias mais festivos, como a Paschoa, Pentecostes, S. João e Natal. Taes concursos, em Nuremberg, eram feitos com um rigor extraordinario na igreja de St.^a Catharina. Os concorrentes subiam ao *Singstuhl*, cadeira de canto, especie de pul-

pito collocado junto d'um dos pilares da igreja, tendo em frente um semi-circulo de bancos, em que se sentavam os mestres. Quatro d'estes, sobre um estrado, occultos por um cortinado, a fim de não intimidarem o candidato com as suas notas, exerciam as funcções de *Merker*, para que tinham sido eleitos por um anno. Do veredictum d'este jury dependia principalmente a concessão do premio desejado. Cada um d'esses *Merker* estava encarregado de serviço especial: um, notava as faltas de rima e prosodia; outro, verificava se as phrases melodicadas estavam construidas segundo as regras estabelecidas; o terceiro notava os defeitos no canto e na dicção; o quarto, com a biblia deante de si, seguia o texto, versiculo a versiculo, para notar se na poesia havia alguma alteração ás doutrinas biblicas.

Apenas o primeiro dos concorrentes subia ao *Singstuhl* restabelecia-se o silencio e, pouco depois, um dos terriveis *Merker* pronunciava o historico *fanget an*, ordem ao examinando para principiar a dar a sua prova. E' para notar que nas confrarias de *Meistersinger* as melodias eram cantadas sem o menor acompanhamento. Quando o ultimo dos concorrentes descia do *Singstuhl* os vogaes do jury sommavam as faltas commettidas e, depois de deliberarem entre si, proclamavam o vencedor, se é que entre os concorrentes tinha havido algum que fosse digno de ser considerado *Meister*. O vencedor no concurso de canto sagrado era então solemnemente decorado com um collar, guarnecido de tres medalhas de prata, uma das quaes, presente de Hans Sachs, representava o rei David tocando harpa. Segundo reza a historia, havia tambem como segundo premio uma corôa de flores artificiaes. Mas só o collar de medalhas era distinctivo da classe de *Meister*.

Veremos que Ricardo Wagner, no poema dos mestres cantores, alterou em parte o ritual da confraria. Essas irregularidades de detalhe foram-lhe impostas pela necessidade d'uma adaptação d'ocasião e pelas exigencias da arta dramatica.

(Continua).

ESTEVES LISBOA.



ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA

Tendo começado os trabalhos de ensaio no Theatro de S. Carlos mais cedo do que se suppunha, tem de ser alterado o pro-

gramma do 2.º concerto, que já annunciaramos no numero passado, visto não poderem tomar parte n'elle os eximios artistas profissionaes que tão dedicadamente se tem prestado a collaborar n'estas audições.

No concerto do proximo mez de Março, cessado o actual impedimento tão justificado pelos excessivos labores a que são submettidos os professores da orchestra durante a epoca lyrica, reaparecerão estes tão importantes elementos a abrilhantar os concertos da Escola.

*

Ainda não está definitivamente assente o programma do 2.º concerto, mas podemos affirmar que se realisa no decurso do presente mez.

*

Os fundadores da incipiente instituição de ensino e propaganda artistica offereceram no dia 9 um jantar no Hotel Europa aos distinctissimos artistas srs. Manoel Tavares, Severo da Silva, João Manoel Gonçalves, João Evangelista da Cunha e Silva e José Henrique dos Santos, que com tão exemplar dedicação se propuzeram a valorisar os trabalhos da Escola com o desinteressado concurso do seu talento e da sua bôa vontade.

Merece na verdade todas as homenagens essa phalange de notaveis artistas, que com o unico intuito de desenvolver o gosto pela grande Arte entre nós, não tem hesitado diante dos maiores sacrificios, postergando ás vezes interesses mais directos e sacrificando a esta iniciativa os poucos momentos que na sua vida de labores constantes e tão escassamente remunerados, deviam ser consagrados exclusivamente a um justo reposito.

Já o temos dito e mais uma vez repetimos: — o exemplo d'estes profissionaes representa uma verdadeira gloria para a classe a que pertencem, classe que tantas vezes é injustamente accusada de desamôr pela sua propria Arte.

Infelizmente o auxilio tão valioso d'estes importantissimos elementos só pôde ser aproveitado pela Escola emquanto se não iniciam os ensaios do Theatro de S. Carlos, a cuja orchestra pertencem os illustres artistas.

Assim, com o jantar do dia 9 pretenderam os fundadores da Escola commemorar o mais justificado reconhecimento para com os seus distinctos collaboradores e a força da interrupção de trabalhos que só poderão recommençar depois de fechar o Theatro de S. Carlos.

Ao jantar, que correu animadissimo e em que se trocaram as mais affectuosas saudações assistiram, além dos artistas já citados, os srs. Antonio Lamas, Arthur da Fonseca, Francisco Benetó, Raphael Reynolds, D. Luiz da Cunha e Menezes e Michel'angelo Lambertini.

Os srs. A. Rey Colaço e José Relvas não puderam assistir por justificadissimos motivos e enviaram penhorantes cartas de adesão.

*

Continua augmentando diariamente a lista dos subscriptores da *Escola de Musica de Camara*. Aos nomes já citados nos numeros anteriores, temos a accrescentar ainda os srs:

D. Albertina Falker
Mons. de Mouravieff
George Jerosch
Alberto Lopes
Cesar Mirés
José Augusto Alves do Rio
José Rego
Dr. José d'Almeida
D. Adelina Judice Samora
D. Maria Amelia Bon de Sousa
J. Heliodoro d'Oliveira
Dr. Cicero Penna
Francisco de Sousa Mesquita
D. Christina Reynolds
Manoel Telles Vasconcellos
D. Leonor Lazary
Dr. Alvaro de Sousa Freitas
D. Augusta Barradas
D. Amelia Ulrich Cardoso

Prosequiremos proximamente a publicação da lista.

*

Aos elementos artisticos, tão valiosos, com que a Escola já contava, veio juntar-se mais um professor de singular competencia e maestria o sr. Miguel Ferreira, que em termos altamente penhorantes para os iniciadores da Escola se dignou prestar o seu inestimavel concurso, como violinista, na organização dos concertos.

*

Uma das nossas mais laureadas pianistas, a Sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, propoz-se igualmente a tomar parte n'um certo numero de audições, satisfazendo assim, com a maior gentileza, um dos mais vehementes desejos da direcção da Escola.

CONCERTOS

No Atheneu Commercial do Porto effectuou-se um sarau musical e litterario em 30 de Novembro.

Executantes da parte musical foram D. Leonilda Moreira de Sá, D. Alexandrina Castagnoli, D. Julia Guerra Junqueiro, Xisto Lopes, Frank de Castro e Moreira de Sá, além de varios discipulos d'este ultimo que collaboraram em peças d'ensemble.

*

O emerito professor Moreira de Sa, inspirado sempre pelo desejo de vulgarisar na segunda cidade do reino a musica dos melhores auctores tanto antigos como modernos começou no *Orpheon Portuense* uma serie de concertos historicos para rebeca, que ali tem despertado o mais vivo interesse.

O primeiro concerto da serie realisou-se em 4 do corrente mez, com o programma seguinte:

Corelli (1653-1713) — Largo e giga
Bach (1685-1750) — Fuga
Leclair (1687-1764) — Sarabanda e Tambourin.
Tartini (1692-1770) — Allegro
Giardini (1716-1796) — Allegretto pastorale
Viotti (1753-1824) — 1.^o Tempo do Concerto 22
Mozart (1756-1791) — Rondó
Kreutzer (1766-1831) — Estudo
Beethoven (1770-1827) — Romanza
Rode (1774-1830) — Aria variada
Beriot (1802-1890) — Scene de Ballet
David (1810-1873) — Am Springquell
Vieuxtemps (1820-1881) — Tarantella

Só quem conheça a prodigiosa actividade de Moreira de Sá e o amôr que elle tem consagrado á litteratura do seu instrumento é que poderá conceber que n'uma unica sessão se possa apresentar um tão variado numero de obras, de generos tão diferentes e demandando, quasi todas, uma tão superior interpretação

Mais ainda, só quem tenha acompanhado desde longos annos o movimento de propaganda que Moreira de Sá tem produzido no Porto, sabe Deus á custa de quantas luctas, poderá comprehender que um tão extenso programma possa ser acceite e apreciado, como foi e como serão com certeza os que

se lhe seguirem até á conclusão da projectada serie.

Em Lisboa, com magua o dizemos, seria impossivel que se reunissem na sala mais de meia duzia de fanaticos pela musica de violino e esses mesmo iriam naturalmente... por honra da firma.

*

Na noute de 5 temos a registrar um interessante sarau-ensaio dos discipulos de D. Armada e Carlos Dubini, que conforme noticiam as folhas do Porto, tiveram mais uma occasião de comprovar largamente os seus merecimentos de professores de piano e de violino.

Depois da apresentação individual dos alumnos, os quaes revelaram em geral aptidões e desenvolvimento nada vulgares, fecharam o concerto os irmãos Dubini que conjuntamente com D. Ophelia de Oliveira executaram com excellentes exito os deliciosos *Duos* de Godard para dois violinos e piano.

*

Na sala nobre do theatro de S. João do Porto, teve lugar a 7 um concerto em que tomaram parte os professores Joaquim A. da Silva, Francisco Pinto de Queiroz, J. Casagne, Henrique Carneiro e Xisto Lopes.

*

Na mesma data de 7, effectuou-se na Sociedade de Geographia um sarau musical commemorando o 25.º anniversario d'esta importante associação scientifica.

A banda da Guarda Municipal, sob a direcção do illustre professor Taborda, executou diversas composições, entre as quaes merece menção especial a *Marcha do Propheta*, que foi *enlevée* pela nossa primeira banda regimental com um brio e magestade que lhe valeram uma prolongada e bem merecida ovação.

O insigne violinista Francisco Benetó, que já conquistou entre nós fóros de concertista valiosissimo, como de direito lhe competem, tocou as *Czardas* de Hubay e a grande *Phantasia militar* de Leonard, em que os seus notaveis dotes de solista se puderam evidenciar, vencendo admiravelmente todas as difficuldades que se encontram a todo o passo n'aquellas obras; assim o publico respondeu-lhe com uma expontanea e phrenetica saudação.

O distincto amator José Pinto da Cunha cantou algumas romanzas tambem muito applaudidas.

Terminou o sarau com a audição das scenas lyricas de Grieg, que tem por titulo *Olaf-Trigvason*, em que a benemerita *Sociedade artistica dos concertos de canto* poude

mais uma vez brilhar sob a direcção do sympathico maestro Alberto Sarti. Os sólos n'esta interessante obra foram confiados ás srs.^{as} D. Gabriella Jardim, D. Maria d'Alarcão e Thomaz Lima, que se houveram satisfactoriamente.

*

A primeira audição da *Terre promise*, realisada no salão da Trindade em 11 de este mez, foi uma verdadeira solemnidade musical, que a todos proporcionou o mais vivo prazer.

Já não tem sido poucas as obras interessantes n'este genero que a sympathica *Sociedade Artistica de Canto* nos tem dado a conhecer e por esse bello trabalho de propaganda ninguem ha que lhe regateie os mais merecidos louvores.

A esplendida oratoria de Massenet que nos foi dado agora ouvir na sua fórmula original, isto é, com córos e orchestra, é das ultimas obras do celebre compositor francez e não é das menos valiosas.

Divide-se em tres partes, que se intitulam *Moab*, *Jerichó* e *Chanaan*.

Na primeira lembra *uma voz* ao povo de Israel as promessas que Deus fez a Moysés, annunciando-lhe que estava reservada a esse povo a conquista da terra promettida. Vão-se intercalando as respostas do Côro ás diversas phrases do barytono, phrases d'uma grande intensidade dramatica, que foram confiadas a um dos nossos mais distinctos amadores, José Pinto da Cunha, e que este detalhou com convicção e intelligencia.

E' de grande effeito, n'esta primeira parte, se bem que não muito original o dialogo de córos, iniciado pela phrase dos contraltos e tenores *Maudit celui qui n'honore point son père et sa mère*.

A segunda parte da oratoria, em que ha uma admiravel fuga, é muito mais completa como factura e como inspiração. E' tambem de um effeito surprehendente a marcha com que o povo israelita acompanha o ataque das muralhas da velha cidade biblica; tudo foi muito satisfactoriamente rendido pelas massas coral e orchestral, apesar das notaveis difficuldades de execução com que havia a lutar.

O solo de tenor d'esta segunda parte foi entregue a D. Vasco da Camara, a quem elogiamos incondicionalmente.

Na terceira e ultima parte, que começa por uma deliciosa pastoral da orchestra, encontra-se já o povo escolhido no termo da sua santa peregrinação e glorifica o Senhor em phrases de grande unção e de religioso fervor. Entre estas phrases, devemos destacar a do soprano a solo — *Peuple beni de Dieu* em que D. Leonor Marques da

Costa nos encantou com a sua dulcíssima e chrySTALLINA voz e o côro final — *Gloire a Dieu* que foi, como a maior parte dos trechos de ensemble vocal, dito com grande firmeza e calôr.

Na suprema direcção de obra tão bella, mostrou o maestro Alberto Sarti que o não assustam as grandes responsabilidades d'um tal trabalho e que o pôde desempenhar de forma a merecer o applauso incondicional de toda a critica.

Terminamos saudando a benemerita *Sociedade Artistica de Canto* pelo tão merecido exito d'este seu concerto.

*

A 12 deu o violinista Julio Cardona no Salão do Conservatorio uma bem organisa-da festa musical em seu beneficio.

Mostrou as variadas phases do seu talento, exhibindo se como director d'orchestra, como rebequista, como pianista e crêmos tambem que como compositor, mas n'este ultimo aspecto sob o modesto disfarce das classicas *tres estrellinhas*.

Sômos dos mais sinceros admiradores de Julio Cardona, cujas qualidades nativas de artista nos deslumbram por vezes, apesar da falta de ponderação que não raro se nota no seu jogo.

Na execução da *Aria Hungara* de Tirindelli e da *Sonata em fá* de Grieg, com Colação, elevou-se por vezes a grandes culminancias, como por exemplo no segundo numero da Sonata, que disse com grande sentimento e adequado relevo.

Com a mesma franqueza diremos que não teriamos escolhido a peça de Tirindelli para uma apresentação a sólo; o rythmo é estonteante, ou por outra a ausencia d'elle é que estonetea — é uma obra que inquieta e que faz mal aos nervos.

Como solistas apresentaram-se ainda a sr.^a D. Gabriella Jardim e os srs. Augusto de Moraes Palmeiro e Eduardo Burnay.

D. Gabriella Jardim cuja formosissima voz de meio soprano acontratado nos encantou devêras, possui qualidades de cantora que a collocam n'um vantajoso posto entre as suas melhores collegas; um pouco mais de liberdade na dicção e será uma artista completa. Simplesmente ousamos lembrar-lhe que as encantadoras cousas que nos queira cantar em allemão, se não tiver a precaução de as fazer traduzir no programma (como se faz lá fóra), ficarão lettra morta para a maioria dos seus ouvintes. E desgraçadamente pertencemos nós outros a essa infeliz maioria!

De Moraes Palmeiro e Eduardo Burnay só diremos que confirmaram, em tudo e por

tudo, os bellos creditos de que ha tanto tempo gosam, cada um no seu meio. O primeiro como artista e o segundo como amador houveram-se, nas peças com que abrihantaram o programma, de fóra a merecer o incondicional applauso de toda a assistencia.



D. Isolina Roque



Terra de pianistas a nossa!

Tão fecunda n'esta especialidade musical como a Hespanha em rebequistas ou a Italia em cantores mais ou menos avariados!

Se porem jurar que no nosso populoso vi-veiro de pianistas não ha senão Rubinsteins e Menters talvez me accuseis d'um exagerado optimismo, que de resto não está nem nos nossos intuitos nem nos nossos habitos. Sem incorrer n'esse excesso, posso affirmar que a percentagem dos nossos bons artistas no piano, especialmente entre as damas, attinge respeitaveis proporções, havendo muitas e muitas, cujo nome ainda não passou de uma modesta obscuridade, mas que nem por isso valem menos.

E como corrigir esse quasi esquecimento a que o acaso as votou é uma das minhas missões mais queridas, não hesito em saudar aqui a prestimosa discipula de Francisco Bahia, pela nobresa com que mantem as tradições do mestre e pelo entranhado affecto que consagra a esta nossa suggestiva e grandiosa arte.

SCHAUNARD.



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXXII

De Lisboa.

É esta a ultima carta que no anno de 1901 lhe escrevo, e se me dá licença, minha amiga, falar-lhe-hei antes do que desejaria que elle houvesse sido do que em verdade elle foi.

Levou-nos, certamente algumas illusões, mas isso nem o estranhámos já, pois qual é o anno que não nol-as terá levado? Para alguns de nós nem mesmo se faz mister esperar esse tempo, se no simples espaço de vinte e quatro horas tantas nos morrem ás vezes! Para outros porém, não nego, para outros — felizes d'elles — quantas não irão nascer!

Argumentando porém com as linhas medias, este anno de 1901 se não foi precisamente mau, não lhe parece que esteve longe de ser regularmente bom?

Veja em materia internacional, o que elle continuou mostrando-nos! Foram ás vergonhas da China em que as chamadas potencias, mais mereceriam o nome de *fracuencias*, — se este neologismo barbaro podesse ter direito de cidade — e a cada passo nos envergonharam do nosso arrogante titulo de civilizados, e foram as infamias da Africa, em que dois pequenos povos, sob os olhos da Europa imbecilizada, acrescentaram mais algumas bem dolorosas, embora bem heroicas paginas á estranha epopeia incômparavel que ha tres annos andam escrevendo, com lagrimas e com sangue...

Sem duvida que muito se discorreu ácerca das inestimaveis vantagens da Paz, que funcionaram conferencias e se invocaram congressos, e a miude grandes senhores coroados, depositarios augustos da Força e do Poder, investidos segundo os seus majestaticos dizeres, da divina auctoridade do mando, deixaram cair de seus labios, infalliveis e ungidos, pretendidas palavras de solidariedade e de concordia; mas, formulas vaidosas e vãs, destinadas a obcecar e não a esclarecer, mais feitas para adormentar creanças do que para conduzir almas, o que nos mostraram com ellas senão os surdos furores que os trabalham, as indomitas ancias que os agitam e o mal disfarçado receio que os accommette, de não se entenderem bem, quando depois haja de proceder-se ao colossal e nivelador processo da partilha?...

Comtudo, como era urgente que alguma victima apparecesse sobre quem descarregassem suas olympicas e temerosas coleras, houveram por bem attribuir á democracia, doutrina de amor e de egualdade, o que é meramente filho de paixões doentias e anachronicas, e connubio pathologico de instinctos regressivos e barbarescos.

Manda porém a verdade observar que não raro a propria democracia, pueril e impensadamente lhes deu azo a taes desmandos, querendo com a precipitação generosa das idéas e com a incoherencia lamentavel dos actos, resolver atabalhoadamente e de mo-

mento questões para as quaes o tempo é factor imprescriptivel; sómente estas impaciencias sympathicas não se curam nem se transformam a golpes de tagante ou com cargas de bayonetas.

Mas para que rememorar o que as nossas mentes desejam esquecer, e os nossos corações não sabem remediar?

Quanto mais consolador e mais grande seria ver que a humanidade e os seus lictores caminhavam finalmente pela larga estrada florida e fulgente da liberdade e da justiça, servindo o Bem, venerando o Bello!

E para amortecer este desejo innato de lucta e de conquista que dentro de todos nós crepita, ahí tinhamos as lides incruentas da sciencia em que até os mais modestos poderíamos entreter o nosso esforço, empenhar a nossa vontade!

Pois não ha muitissimo que realisar n'esse sentido?

A electricidade, que tantos problemas resolve já e ainda tantos outros resolverá ainda, e quando não a electricidade qualquer nova força que do kosmos vivo e inexgotavel porventura nos surja ou se desvende, não seriam campo bastante amplo para saciar a nossa devoradora sede de novo e de desconhecido?

Aligeirar todo o trabalho humano, sem por isso o tornar menos remunerador ou lucrativo, desfazer todas as barreiras que entre si dividem ainda as classes e os individuos, penetrar d'arte e envolver em belleza os minimos productos da nossa energia ou as mais insignificantes manifestações da nossa actividade, tornar em summa a existencia de cada ser mais harmonica e mais risonha fazendo que todos irmãmente commungassem a divina hostia do saber e ao menos provassem do celeste manjar da felicidade, não representaria um ideal immenso para nos occupar e nos prender?

Ah! Eu creio, sinceramente creio, na redempção do mundo pelo amor e pela sciencia, mas quantos soes teremos de contemplar ainda, antes que desponha aquelle que o nosso olhar procura!

Em todo o caso, como quer que seja, não é verdade boa amiga, que valerá a pena haver vivido embalado ao menos n'esse formoso sonho e tentando apagar com elle as ondas negras que do revolto oceano da realidade actual persistentemente ameaçam subverter-nos?

Para mim este é o *leit-motiv* favorito que no drama da vida me esforço de ir seguindo sempre, mercê do qual até consigo supportar uma ou outra mais aguda magoa...

E' com o espirito embebido n'essa har-

monia etherea, que mesmo ao ver cair no chão algido da morte, caractéres modelares como o d'esse venerando confrade amigo que se chamou Fernando Pedroso, logro aquietar as tristezas do coração pelo seu desaparecimento, pensando que, embora por caminhos diversos, elle que viveu tambem o mesmo sonho e confiou na mesma aurora, agora nos olha a todos satisfeito e sereno, na plena bemaventurança do infinito...

*

E para não concluir com uma nota triste no limiar d'uma época alegre, deixe-me dizer-lhe que quando as nossas almas sinceramente vibrem por alguma cousa de sagrado e de profundo, quer sejam as scintillações geniaes da Arte corporisadas por exemplo um momento na poderosa individualidade de um Zacconi, quer sejam as não menos geniaes fulgurações da Sciencia ainda ha poucos dias convergindo na pessoa gloriosa d'esse assombroso sabio que se chama Berthelot, que toda a humanidade culta saudou n'uma festa unica, quando tal nos aconteça, — é que nem tudo morreu no melhor do nosso ser, e que no firmamento, azul das idéas, muitas esperanças ainda luminosas e ridentes, nos sorriem e nos consolam...

AFFONSO VARGAS.

NOTICIARIO

Do paiz

No dia 4 do corrente reuniu pela primeira vez no Conservatorio o Conselho Musical ultimamente creado. Estiveram presentes, além dos srs. presidente, Eduardo Schwalbach e secretario Neuparth, os membros Augusto Machado, D. Fernando de Sousa Coutinho, Freitas Gazul e Vieira.

O sr. presidente, depois de breve exordio, expoz os assumptos de que o conselho devia especialmente tratar, como a lei determina, e marcou para objecto dos primeiros trabalhos, os methodos e livros destinados ao ensino. Explicou que os professores do Conservatorio deviam apresentar os programmas dos seus cursos para serem apreciados pelo Conselho, e que depois d'esses programmas adoptados seriam postos a concurso os respectivos livros e sua publicação, frisando que esse concurso tinha principalmente por fim baratear o custo das obras publicadas, para que ficassem o mais possível ao alcance dos alumnos, geralmente pobres.

O sr. Machado, levantando uma referencia que o sr. presidente lhe fizera, explicou que na aula sob a sua regencia não adopta uma determinada obra para todos os alumnos, mas das principaes obras publicadas escolhe os exercicios convenientes a cada alumno segundo as suas aptidões especiaes, exercicios que o alumno copia, evitando assim adquirir todas as obras d'onde elles são extrahidos.

Usaram mais da palavra os srs. Gazul e Neuparth, principalmente com o fim de obterem esclarecimentos sobre o objecto dos concursos projectados. O sr. Gazul notou a necessidade de uma aula especial para o solfejo propriamente dito, cujo estudo não póde ser feito com o necessario desenvolvimento durante o curto espaço de dois annos destinado ao curso de rudimentos. Notou tambem a utilidade do dictado musical.

Por ultimo o sr. Vieira discursou sobre a materia do ensino. Louvou, declarando ser igualmente o seu e o de todos os estabelecimentos de ensino estrangeiros, o systema eclectico adoptado pelo sr. Machado, pois considerava absurdo que no estudo tecnico dos instrumentos, os mesmos exercicios fossem applicados a todos os estudantes, sem se attender ás disposições physicas de cada um. Disse que, pondo por agora de parte a questão dos programmas visto ser necessario esperar que os srs. professores os apresentassem, julgava que alguns pontos d'esta materia poderiam ser já estudados, e ter immediata applicação o que sobre elles se deliberasse. Por exemplo no estudo da harmonia: é uso antigo no Conservatorio, estudar-se unicamente a parte theorica e a parte escripta d'esta disciplina; o alumno aprende a formar accordes e a encaideal-os segundo certas regras, escreve esses accordes, mas não faz ideia alguma do seu effeito; não os ouve. Com este systema criam-se musicos doutrinarios, sabios theoreticos, mas raros compositores, que só o podem realmente ser quando o estudo e a pratica extra-escolar lhes ensine o que a escola não ensinou como devia. É absolutamente indispensavel, para esclarecimento da harmonia theorica e escripta, que se faça simultaneamente o exercicio da harmonia executada, isto é, que se estude, executando no piano ou no orgão, o baixo cifrado e a partitura.

No Conservatorio de Bruxellas e outros, estas tres partes essenciaes da mesma materia constituem cursos separados mas obrigatorios para o estudo da composição. Em outros conservatorios a harmonia executada estuda-se separadamente com o titulo de

«estudo do acompanhamento». É parecer do orador que, visto o nosso Conservatorio possuir agora tres professores de harmonia, cada um d'elles podia incumbir-se de cada uma d'essas tres partes da mesma disciplina. Seria a applicação do systema que divide as differentes materias do estudo, systema tão vantajoso para os alumnos como para os professores.

O sr. Neuparth objectou a este respeito que, sendo o numero de alumnos muito grande, não poderia cada professor dar lição a todos. O sr. Machado notou que na aula de órgão novamente creada se consignava o estudo do baixo cifrado.

Sobre este assumpto conversou-se ainda largamente, terminando o sr. presidente por encerrar os trabalhos, annunciando que na proxima sessão se trataria dos programmas de ensino.



S. Magestade a Rainha houve por bem ordenar que do cofre do Instituto Ultramarino seja abonado durante um anno ao nosso amigo Joaquim Fortunato Ferreira da Silva, alumno do Conservatorio de Leipzig, a quantia de 30,000 reis mensaes.

Folgamos deveras com esta noticia, assim como nos deu o mais vivo prazer a leitura de uma carta em que o grande professor Hans Sitt faz ao talento e assiduidade d'aquelle estimado violinista, as mais lisongeiras referencias.



O bispo de Cabo Verde encomendou, para uma das egrejas da sua diocese, um órgão ao organheiro bracarense Augusto Claro, que partiu para aquella ilha, afim de dirigir a montagem do instrumento.



O director d'esta Revista recebeu propostas para a vinda a Lisboa dos Quartettos *Parent e Zimmer*, dois grupos musicas do mais alto valor, o primeiro de Paris e o segundo de Bruxellas. assim como para uma serie de concertos da magnifica orchestra *Lamoureux*, que igualmente se propunha a vir a Lisboa.

O sr. Lambertini, pelas difficuldades que aqui sempre se antolham em empresas d'essa natureza e pela absoluta falta de tempo para as vencer, declinou o encargo de organisar os referidos concertos.



Lembram-se decerto os nossos estima-veis leitores do que foi outr'ora a orchestra do nosso theatro lyrico onde se sentaram artistas como Augusto Neuparth, Campos,

os dois Croners, Del-Negro e alguns outros cujo nome se pode considerar uma gloria para a nossa pequena historia musical.

Uns desertaram para outros theatros, a maior parte, desertaram para não mais voltar, levados pela implacavel Morte — poucos ficaram no seu posto.

Entre estes, figura ainda um artista deveras notavel, José Rodrigues d'Oliveira, que teve as suas horas de triumpho, como concertista de cornetim, e que hoje, ferido no seu coração amantissimo de esposo e pae pela cruel desgraça que recentemente o attingiu, se encontra a lutar com a falta de meios necessarios para manter a sua numerosa familia.

Não seria o caso de realisar em beneficio do bom José Rodrigues um festival, em que tomassem parte os companheiros do valioso artista e todos aquelles que não costumam hesitar em pôr o seu merecimento ao serviço dos grandes actos de beneficencia?

Ahi deixamos a lembrança e praza a Deus que appareça breve quem se disponha a metter hombros a tão generoso empreendimento.



São o mais lisongeiras possivel as noticias que recebemos da talentosa violoncellista D. Guilhermina Suggia, que como se sabe, está completando os seus estudos artisticos em Leipzig, pensionada pelo governo portuguez.

Julius Klengel ouviu a nossa encantadora compatriota, applaudindo-a com enthusiasmo e promptificando-se logo a leccional-a em condições de preço perfeitamente excepcionaes; ouvindo tocar algumas composições do proprio Klengel, declarou o grande violoncellista que nada tinha a rectificar em execução tão sentida e tão superiormente comprehendida.

No dia seguinte teve a joven Suggia um novo triumpho, com a apreciação igualmente enthusiasmica do famoso Arthur Nikisch, o notabilissimo maestro que ainda ha pouco tivemos a fortuna de ter entre nós.

Nikisch quiz ouvil a no Gewandhaus e ser elle próprio a acompanhar a nossa artista; tocaram um grande numero de peças que o insigne mestre ia sublinhando com grandes elogios e bravos, assegurando que brevemente a applaudiria n'aquelle mesmo Gewandhaus, ao lado das notabilidades musicas que em tão glorioso centro artistico se costumam produzir.

Como era de esperar, estas manifestações por parte dos dois grandes mestres, attrahiu sobre a simpathica violoncellista portuense as atencões de todo o Leipzig musical.